

A IMANÊNCIA DA ARTE NA EDUCAÇÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL ADQUIRIDA

EIXO TEMÁTICO: 20;
TIPO DO ESTUDO: PC;

*Caue de Camargo dos SANTOS

e-mail: caue.camargo@ibc.gov.br

Professor EBTT no Departamento de Estudos, Pesquisas Médicas e de Reabilitação
Coordenador do Núcleo de Atendimento e Pesquisa em Educação e Arte - NEART
Instituto Benjamin Constant - IBC

Marta Maria Donola VICTORIO

e-mail: martadonola@ibc.gov.br

Professora EBTT no Departamento de Estudos, Pesquisas Médicas e de Reabilitação
Instituto Benjamin Constant - IBC

Marina de Assis Fernandes NOGUEIRA

e-mail: deassismarina@gmail.com

Professora Bolsista do Projeto Ateliê Vida
Departamento de Estudos, Pesquisas Médicas e de Reabilitação
Instituto Benjamin Constant - IBC

Raquel Donola VICTORIO

e-mail: raqueldonola@gmail.com

Professora Voluntária do Projeto Ateliê Vida
Departamento de Estudos, Pesquisas Médicas e de Reabilitação
Instituto Benjamin Constant - IBC

Agência de fomento:

Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.

RESUMO: Este artigo apresenta o projeto de pesquisa Ateliê Vida: a Educação das Artes e pessoas com Deficiência Visual, desenvolvido no Instituto Benjamin Constant - IBC, que articula experimentações artísticas com a reabilitação de pessoas com deficiência visual adquirida. Aliançado com a filosofia da diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari e na concepção de atenção como findo de flutuação da cognição, proposta por Virgínia Kastrup, o estudo investiga como as técnicas de gravura, estampa, desenho, pintura, cerâmica, bordado e artesanato fomentam a autonomia, a criação afetiva e a resignificação do corpo e da percepção nos sujeitos. Também dialoga com as contribuições da professora Joana Belarmino, para mobilizar um pensamento sobre as singularidades da pessoa cega e processos de uma mundividência tátil. Por meio do método da cartografia produziu-se entrevistas, conversações e registros dos percursos criativos. E a partir de relatos dos estudantes e observações em contexto educativo, essa escrita demonstra a potência da arte como campo imanente, capaz de promover uma educação sensível e inclusiva que rompe com a lógica da representação e da padronização estética, ampliando as possibilidades de existir e conviver.

Palavras-chave: artes visuais. educação especial. filosofia da diferença.

1. INTRODUÇÃO

O Instituto Benjamin Constant – IBC é uma instituição emblemática na reabilitação e educação de pessoas com deficiência visual no Brasil. O projeto Ateliê Vida: a Educação das Artes e pessoas com Deficiência Visual surgiu para investigar e promover a experimentação artística como componente da reabilitação, ampliando o acesso à cultura e ao conhecimento estético de pessoas com cegueira ou baixa visão adquirida, e posteriormente pessoas com surdocegueira. Este trabalho analisa as práticas e resultados do projeto, relacionando-os com conceitos da filosofia da diferença, da cognição inventiva e da polifonia, buscando evidenciar como a arte opera como um território de imanência, criação e transformação.

Partindo das reflexões filosóficas de Gilles Deleuze e Félix Guattari, que desafiam o paradigma da representação tradicional, o projeto investiga o potencial da arte em constituir modos singulares e múltiplos de existência e percepção. Paralelamente, a abordagem de Virgínia Kastrup sobre atenção como fundo de flutuação da cognição ilumina os processos de concentração e envolvimento sensório-afetivo desenvolvidos nas oficinas de gravura, estamperia, desenho, pintura, cerâmica, bordado e artesanato. O artigo também incorpora contribuições da professora Joana Belarmino, que enfatiza a singularidade e a complexidade nas práticas educativas inclusivas.

O Ateliê Vida é um projeto de pesquisa aprovado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, na modalidade Auxílio a Pesquisa 1, no edital 13/2023, que tem por objetivo investigar a educação das artes visuais para pessoas com deficiência visual adquirida, especialmente no contexto da reabilitação. Verificar quais procedimentos de acessibilidade têm sucesso ao desenvolver aulas e atendimentos especializados. Além de implantar um espaço educativo destinado ao atendimento especializado e a pesquisa na área, contribuindo para a formação de recursos humanos no campo da docência em Artes.

A pesquisa ocorreu entre março de 2023 e março de 2025 no Instituto Benjamin Constant, onde são atendidos adultos com cegueira ou baixa visão adquirida, com faixa etária entre 20 e 70 anos. Porém, o projeto segue em operação, atualmente atendendo 52 estudantes, distribuídos em sete turmas da Divisão de Reabilitação e incluindo 9 estudantes do Núcleo de Atendimento Educacional à Pessoa com Surdocegueira – NAEPS.

O projeto oferece oficinas que abrangem técnicas como gravura, estamperia, desenho, pintura, cerâmica, bordado e artesanato, adaptadas para o desenvolvimento da percepção háptica, motricidade fina, atenção cognitiva e a percepção gestual/corporal. O espaço do Núcleo de Atendimento e Pesquisa em Educação Inclusiva e Arte – NEART foi estruturado para criar um território educativo e investigativo próprio, onde são promovidas trocas coletivas, experimentações e um ambiente propício à manifestação da criatividade e dos afetos.

Ao final dessa escrita apresentamos os relatos dos estudantes, os mesmos foram coletados após aprovação da pesquisa na Plataforma Brasil e emitido o parecer consubstanciado nº 6.531.633. As entrevistas individuais e coletivas foram devidamente autorizadas pelos estudantes, pois a pesquisa utilizou um protocolo de entrevistas semi-estruturadas, termos de consentimento livre e esclarecido, bem como autorização do uso de imagem.

As falas resultam da mobilização por uma escuta sensível e apontam para um impacto significativo na autoestima, na segurança pessoal e na melhora das relações com o mundo, aspectos fundamentais para a reabilitação e inclusão social. Evidenciando que as ações pedagógicas integradas à pesquisa possibilitam a construção de materiais didáticos e de proposições de aulas acessíveis, reverberando na oferta de um curso de formação continuada de professores para todo o país.

1.1 A Deficiência Visual adquirida e a Reabilitação visual

A deficiência visual adquirida refere-se à perda total ou parcial da visão decorrente de causas variadas, como doenças, acidentes ou condições degenerativas. Diferente da deficiência congênita, o sujeito com deficiência visual adquirida enfrenta processos complexos de adaptação, que envolvem recomposição corporal, da percepção e da sua subjetividade.

A reabilitação visual no IBC é um processo transdisciplinar envolvendo as áreas da Educação e Saúde, e que visa a recuperação da autonomia, o desenvolvimento sensorial e a reinserção social, por meio de estratégias educacionais, psicológicas e físicas. Nesse sentido, o projeto Ateliê Vida se insere nesse contexto, propondo a arte como instrumento de reabilitação e transformação, ampliando as possibilidades de vivência e expressão dos sujeitos.

Ao mobilizar o território da educação das artes visuais, o projeto contribui para a reabilitação ao estimular a percepção tátil, a atenção, a cognição inventiva e a criatividade, promovendo um trabalho integrador que ultrapassa a mera compensação sensorial para abarcar dimensões afetivas, estéticas e sociais.

Desse modo, ao dimensionarmos o funcionamento tátil pensado por Nicholas (2011), onde ele divide em quatro níveis de processamento, como o sensorial, motor, perceptivo e cognitivo, nós podemos propor uma dobra ao associar cada nível a proposições e experimentações em artes visuais.

A educação dos sentidos pode ser estruturada em quatro níveis: no primeiro, trabalha-se a percepção corporal e gestual por meio das sensações da pele, propriocepção e cinestesia; no segundo, desenvolvem-se habilidades motoras táteis através da exploração e manipulação de instrumentos; no terceiro, experimenta-se a criação e reconhecimento de texturas, formas e objetos; e, no quarto nível, o corpo utiliza essas experiências para desenvolver atenção, memória e linguagem tátil.

2. MÉTODO

2.1 Educação, Arte e Filosofia da diferença

A filosofia da diferença, como desenvolvida por Gilles Deleuze e Félix Guattari, apresenta um pensamento que rompe com a tradição filosófica centrada na representação, identidade e semelhança, propondo a multiplicidade, o devir e a imanência como conceitos-chave para compreender o real e a subjetividade. Esta teoria aliada a pesquisa busca problematizar os processos de representação, rompendo-os ao pensarmos e produzirmos aulas que deslocam o objetivo funcional da arte como cópia e de uma representação como resultado de reproduções. O projeto Ateliê Vida é engajado na busca dos acionamentos corporais e na ativação de uma política do sensível que transgride uma hegemonia do visuocentrismo na educação das artes visuais.

Desse modo, segundo Deleuze (1992) e Deleuze e Guattari (2010, 2011), a representação pressupõe um modelo de pensamento baseado na repetição do mesmo, na hierarquia e na homogeneização das diferenças, o que limita a compreensão dos processos de criação, subjetivação e diferença. A filosofia da diferença propõe que o real e o sujeito são constitutivamente múltiplos, heterogêneos e em constante processo de vir-a-ser, ou devir.

No campo da educação e da arte, essa perspectiva desloca o foco da mera reprodução ou imitação para o campo da experimentação, invenção e singularização. A arte torna-se, assim, um campo imanente, onde o processo de criação é inseparável da vida e da potência dos corpos e dos afetos.

Essa potência materializa-se quando colocamos em operação o método cartográfico. Assim, as materialidades da pesquisa, podem e têm sido capturadas quando realizamos as entrevistas semiestruturadas em grupo, pois as vozes coletivas são mobilizadas por atravessamentos do indivíduo que escuta sensivelmente o outro e o acompanha, o entrecruza nas vozes ao ser afetado pela fala, pela memória e pela experimentação vivida.

O conceito de rizoma, desenvolvido por Deleuze e Guattari (2011) é acionado, e descreve um modelo de conhecimento não linear, não hierárquico, baseado em conexões múltiplas e heterogêneas. A cartografia, por sua vez, enquanto método busca mapear e acompanhar esses fluxos rizomáticos, as singularidades e as linhas de fuga dos sujeitos e dos coletivos, sem reduzir essas experiências a representações fixas.

Sobremaneira, que as observações dos professores retroalimentam a elaboração das proposições de aula/atendimento. No Ateliê Vida, o método cartográfico tem sido utilizado como instrumento para registrar os processos criativos, afetivos e perceptivos dos estudantes, acompanhando suas trajetórias singulares e as potências emergentes na criação artística. Diante disso, tem sido necessário abrir-se à escuta sensível, à uma espreita dos acontecimentos e às observações dos procedimentos.

2.2 A Atenção como fundo de flutuação da Cognição

Virgínia Kastrup (2007) propõe uma concepção inovadora da atenção como fundo de flutuação da cognição, entendendo a atenção não como foco estático, mas como um campo dinâmico onde se desenrolam processos cognitivos e afetivos, fundamental para a aprendizagem e para a constituição da subjetividade.

No contexto das oficinas do Ateliê Vida, essa concepção ilumina como os estudantes desenvolvem a atenção durante a manipulação de materiais artísticos — na gravura, estampania, desenho, pintura, cerâmica, bordado e artesanato — que exigem concentração, percepção háptica refinada e envolvimento sensorial. A

atenção se apresenta como um fluxo que sustenta a cognição inventiva, potencializando a criatividade e o vínculo com a atividade artística.

Os relatos dos estudantes evidenciam que esse envolvimento atento contribui para a sensação de segurança, satisfação e elevação da autoestima, elementos essenciais para a reabilitação e para o enfrentamento dos desafios decorrentes da perda visual.

As práticas artísticas desenvolvidas no projeto são cuidadosamente adaptadas para a singularidade do público com deficiência visual adquirida, buscando promover não apenas habilidades técnicas, mas experiências sensoriais e afetivas que ampliam a percepção e o autoconhecimento.

A xilogravura, a estamperia, o bordado e o artesanato com suas texturas e relevos, permitem o desenvolvimento da motricidade fina e da percepção tátil. A manipulação das peças emborrachadas, do tecido, do mdf e os processos de impressão/carimbos com tintas expansivas, tintas offset e acrílicas possibilitam um exercício coordenado entre o tato e a visão residual, favorecendo a integração sensorial.

O desenho e a pintura são realizados com adaptações de materiais e técnicas para contemplar as limitações visuais, como o uso de máscaras, delimitação de superfícies e combinação de cores contrastantes. O trabalho com aromas associados às tintas, por exemplo, amplia a percepção multissensorial e o envolvimento afetivo. Essas proposições são combinadas com passeios ao ar livre, coleta de vegetação como cascas de árvore, flores, folhas e gravetos para serem estudados e carimbados através das tintas em outra superfície.

A cerâmica, prevista para as etapas finais de reabilitação, é particularmente significativa para o desenvolvimento da percepção háptica e da atenção. A manipulação da argila promove a consciência corporal, a expressão de desejos e emoções e a reconexão com o corpo vivido. As técnicas de modelagem como acordelado, placas e beliscão, afinam a sensibilidade perceptiva das mãos sendo um exercício contínuo de acionamento háptico.

3. RESULTADOS

3.1 A polifonia como modo de expressão da subjetividade, da autoestima e da reinvenção de si

As práticas artísticas desenvolvidas no Ateliê Vida operam como uma cartografia da transformação subjetiva de pessoas com deficiência visual adquirida. Mais do que estratégias terapêuticas ou técnicas pedagógicas, essas práticas instauram zonas de experimentação em que a linguagem, o corpo e a sensibilidade se reorganizam. Essa reorganização se evidencia, sobretudo, pela escuta das vozes dos estudantes, que constroem enunciados próprios em um campo polifônico — em que a alteridade, o devir e o dissenso ganham forma.

Uma estudante afirmou: *“Aqui eu me descobri outra vez. A arte me faz lembrar que eu ainda sou eu, mesmo sem enxergar como antes”* – Estudante A. Essa enunciação não deve ser reduzida a um relato pessoal, mas compreendida como expressão de uma micropolítica da subjetivação. O que está em jogo não é a superação da deficiência no sentido clínico ou funcional, mas a reinvenção de si mesmo a partir de um novo regime sensível. Como abordam Deleuze e Guattari (1995), o desejo é potência de criação e de reinvenção, e não falta a ser compensada. A criação artística, nesse contexto, não representa a deficiência — ela a reconfigura como matéria expressiva.

A polifonia, como conceituada por Mikhail Bakhtin (1981), é a condição da linguagem viva, em que diferentes vozes coexistem sem serem submetidas a um discurso dominante. No Ateliê Vida, cada estudante encontra espaço para enunciar-se a partir de sua experiência sensível, constituindo o que podemos chamar de vozes mobilizadoras. Um estudante, em uma das entrevistas coletivas, declarou: *“No começo eu só escutava. Depois comecei a falar. Agora eu até faço poesia. Parece que minha voz voltou”* – Estudante B. Aqui, a voz não é apenas som, mas força de existência. É o que Bakhtin (1981) denomina de “voz responsiva”, aquela que participa do mundo com sua singularidade.

A autoestima, nesse campo, não é um dado psicológico interno, mas um efeito de relações de reconhecimento e de criação compartilhada. Como escreveu uma participante: *“Eu tinha vergonha até de tocar nas coisas. Agora eu tenho coragem de mostrar o que eu criei”* – Estudante C. Trata-se de um deslocamento subjetivo em que o corpo, antes retraído pelo luto da visão, passa a habitar o mundo de forma ativa, sensível e inventiva. Nessa perspectiva, Kastrup (2007) propõe o conceito de “processo de constituição do campo subjetivo” para nomear essas zonas de passagem, em que o sujeito se desfaz de suas formas anteriores para experimentar novas possibilidades de si.

Por sua vez, Joana Belarmino (2009), contribui com a noção de mundividência tátil, ao descrever como a experiência da cegueira mobiliza uma relação simbólica e criativa com o mundo. A percepção tátil, segundo ela, não é apenas substitutiva da visão, mas abertura para uma relação mais densa e afetiva com o tempo, o espaço e os objetos. As falas dos estudantes confirmam essa dimensão sensível: *“Agora eu toco e vejo com a mão. E parece que a mão escuta também”* – Estudante D. Essa “mão que escuta” anuncia uma sensorialidade expandida, em que o tato é atravessado por imaginação, memória e presença.

Do ponto de vista ético e político, as práticas do Ateliê também tensionam a lógica da reabilitação funcional. Em vez de adestrar os corpos para a adaptação, a experiência artística convoca os sujeitos a compor com suas potências e fragilidades. Deleuze e Guattari (1995) falam em “linhas de fuga” como trajetos que rompem com os códigos normativos da identidade e da funcionalidade. Os estudantes não estão sendo integrados a uma forma de normalidade visual; estão criando formas outras de habitar o mundo e de afirmar-se nele.

Por isso, o que se ouve no Ateliê é mais do que o eco de um discurso inclusivo institucional. É a emergência de falas que carregam a marca da diferença, da dor e do desejo. Como afirmou uma estudante: *“Eu achava que meu tempo tinha acabado. Aqui eu descobri que posso começar de novo, do meu jeito”* – Estudante A. A criação, nesse contexto, não é apenas artística: é uma criação nos entretempos da subjetividade é a criação de mundos por vir.

Considerações Finais

O projeto Ateliê Vida povoou um campo potente de criação, escuta e reinvenção da subjetividade de pessoas com deficiência visual adquirida. Mais do que um espaço de aprendizado técnico, o ateliê constituiu-se como um território de experimentações estéticas e afetivas, onde os sujeitos puderam redesenhar seus modos de existir, de perceber e de se relacionar com o mundo. O Ateliê Vida fortalece laços comunitários ao criar um espaço de troca entre participantes, onde histórias, desafios e conquistas são compartilhados. A arte serve como ferramenta de reabilitação e reconexão social, mostrando que a educação das artes visuais pode ser acessibilizada para transformar como nos vemos e convivemos.

As falas dos estudantes, trabalhadas no item anterior, não são meras evidências empíricas: são manifestações da potência do desejo (Deleuze; Guattari,

1995), da polifonia discursiva (Bakhtin, 1981), da construção coletiva da subjetividade (Kastrup, 2007), e da imaginação tátil como forma sensível de habitar o mundo (Belarmino, 2009). Cada voz escutada carrega consigo não apenas uma história de perda, mas uma força de criação.

A educação das artes visuais, nesse contexto, não se resume à inclusão formal ou à acessibilidade instrumental. Ela opera como uma micropolítica do sensível, em que o corpo que enxerga com as mãos, a voz que reaparece após o silêncio, e o gesto criador que rasga o luto, tornam-se dispositivos de reinvenção da vida. Pode-se afirmar que é preciso produzir práticas onde a diferença não seja apagada, mas acolhida como força constituinte.

A imanência da arte, portanto, manifesta-se naquilo que ela transforma silenciosamente: a confiança para tocar, a coragem para falar, o desejo de compor. No Ateliê Vida, não se trata apenas de ensinar arte a pessoas cegas, mas de criar condições para que a arte aconteça entre as dobras do tempo, da sensibilidade e da escuta. Cada encontro artístico é também um encontro com o outro de si.

Ao final, compreende-se que uma educação das artes visuais pensada para a deficiência visual adquirida não pode se sustentar em modelos pedagógicos prontos. Ela precisa ser inventada no gesto, na relação, na voz, no silêncio e na escuta. Precisa ser, como diria Deleuze (1992), uma educação menor, não no sentido de inferioridade, mas na dimensão da diferença criadora, que não replica formas, mas traça linhas de fuga.

Referências

- Bakhtin, Mikhail. (1981). *Teoria do romance: a estilística*. São Paulo: 34.
- Belarmino, Joana. (2009). *O tato que lê: caminhos da leitura tátil*. João Pessoa: UFPB.
- Deleuze, Gilles. (1992). *Conversações*. São Paulo: Editora 34.
- Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. (1995). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. São Paulo: Editora 34.
- Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. (2011). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. 2ª ed. São Paulo: Editora 34.
- Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. (2010). *O que é a Filosofia?* São Paulo: Editora 34.

Kastrup, Virginia. (2007). *A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição*. Belo Horizonte: Autêntica.